O balanço de uma iniciativa

Pandemias e História na Era da COVID-19

Pandemics and History in the age of COVID-19: Taking stock of an initiative

Flávio Miranda

Edição electrónica

URL: <https://journals.openedition.org/medievalista/4008>

DOI: 10.4000/medievalista.4008

ISSN: 1646-740X

Editora

Instituto de Estudos Medievais - FCSH-UNL

Edição impressa

Paginação: 411-418

Refêrencia eletrónica

Flávio Miranda, «Pandemias e História na Era da COVID-19», *Medievalista* [Online], 29 | 2021, posto online no dia 01 janeiro 2021, consultado o 11 junho 2021. URL: <http://journals.openedition.org/medievalista/4008> ; DOI: <https://doi.org/10.4000/medievalista.4008>

Este documento foi criado de forma automática no dia 11 junho 2021.

Medievalista está licenciado com uma Licença Creative Commons - Atribuição-NãoComercial 4.0 Internacional.

O balanço de uma iniciativa

Pandemias e História na Era da COVID-19

Pandemics and History in the age of COVID-19: Taking stock of an initiative

Flávio Miranda

NOTA DO EDITOR

Data recepção do artigo / Received for publication: 31 de Agosto de 2020

- 1 No dia 11 de março de 2020, a Organização Mundial da Saúde classificou o novo coronavírus (SARS-CoV-2), uma doença respiratória aguda grave, como uma pandemia¹. Por todo o mundo, os governos decretaram o fecho de fronteiras e ordenaram o recolhimento das suas populações em casa: impunha-se o confinamento obrigatório e o distanciamento social. As lojas fecharam, os restaurantes encerraram, os aviões ficaram em terra, as estradas esvaziaram-se de automóveis, as ruas permaneceram desertas e as redes sociais encheram-se de mensagens de esperança. Revolucionada a realidade e o quotidiano, as pessoas começaram a questionar-se: que consequências trará a Covid-19 para as nossas vidas? Quanto tempo durará esta pandemia? E o que é que aconteceu no passado e de que forma é que as sociedades escaparam a outros surtos epidemiológicos?
- 2 Durante a fase de estado de emergência (que, em Portugal, vigorou entre 19 de março e 2 de maio de 2020), sem o desejo ou a intenção de procurar lições ou soluções no passado, criei uma iniciativa dirigida à sociedade civil sobre “Pandemias e História na Era da Covid-19”, sob a chancela do Centro de Investigação Transdisciplinar «Cultura, Espaço e Memória» e com o apoio da Casa Comum da Universidade do Porto (CITCEM, UP)². De forma a colocar em perspetiva o momento atual, decidi questionar: quão diferente é a Covid-19 de outras pandemias ao longo da história? Que surtos epidemiológicos ocorreram, quais é que foram as suas origens e de que forma se propagaram? Que medidas foram tomadas pelas instituições nacionais e locais como resposta a crises de saúde pública semelhantes? Que consequências tiveram? De que

forma mudaram a sociedade, a economia, a política e a cultura? E o que é que podemos esperar da crise pandémica que se vive atualmente?

- 3 Nenhuma destas questões é particularmente nova ou original. Nas últimas décadas, foram publicadas obras que discutem problemas semelhantes em perspetiva histórica, com um exame aos surtos epidemiológicos que afetaram a humanidade ao longo dos séculos. Em Portugal, e sem a ambição de querer fornecer um elenco exaustivo dessas investigações, convém destacar os trabalhos sobre a peste negra de João Marques, Maria Helena da Cruz Coelho e André Silva (com a sua investigação doutoral em curso)³; a investigação sobre a lepra de Rita Nóvoa e Ana Rita Rocha;⁴ a produção científica sobre os surtos epidemiológicos na época moderna de Laurinda Abreu⁵; a análise da entrada da cólera em Portugal por Maria Antónia Pires de Almeida⁶; e os estudos sobre a pneumónica (comummente conhecida por gripe espanhola) de Antero Ferreira e José Manuel Sobral⁷.
- 4 Para além destes trabalhos eminentemente historiográficos, a comunicação social prestou um bom serviço ao dar à estampa edições dedicadas às pandemias ao longo da história, com textos de qualidade escritos por historiadores e jornalistas com formação em história⁸. Com o intuito de, citando Pedro Olavo Simões, “encontrar uma cura nas próprias doenças”⁹.
- 5 Não obstante esta abundância historiográfica, a criação de um blogue e a disponibilização de entrevistas em plataformas como o YouTube permitem uma interação mais direta entre os investigadores e a sociedade civil. Estes canais digitais garantem uma certa universalidade do conhecimento e o acesso aberto a todos os que pretendam recorrer a uma fonte de informação fidedigna.
- 6 Assim, entre abril e junho de 2020, foram conduzidas doze entrevistas a investigadores oriundos da área da história e da medicina, que forneceram uma análise e exemplos do impacto de doenças como a peste negra, a lepra, o tifo, a varíola, a cólera, a influenza (gripe espanhola) e o vírus da imunodeficiência humana (VIH/SIDA). A cada um dos entrevistados foi aplicado um guião comum, de forma a permitir interpretar semelhanças e diferenças dos surtos epidemiológicos que ocorreram ao longo da história. Esse guião inquiriu sobre as origens e antropozoonose das doenças; as suas formas de transmissão e de propagação; as suas características, manifestações e métodos de diagnóstico; as políticas centrais e locais no combate às epidemias; as instituições e os agentes participantes na gestão dos surtos; os métodos e as práticas medicinais; as consequências sociais, económicas e políticas; e os hipotéticos legados positivos de cada pandemia.
- 7 A partir deste guião, os investigadores expuseram informações e interpretações que permitem colocar em perspetiva a pandemia de SARS-CoV-2. Primeiro, é importante saber-se que a relação entre humanos e doenças é antiga e que, ao longo da história, provocou infeções em larga escala e mortes em números incalculáveis. A peste negra (1347-1353), por exemplo, terá dizimado cerca de 300 milhões de pessoas; a pneumónica (1918-1920) foi responsável pela morte de aproximadamente 50 milhões; e o VIH/SIDA terá causado, até ao momento, o desaparecimento de 32 milhões de seres humanos. Segundo, quase todos os vírus e bactérias têm uma antropozoonose (a bactéria *Yersinia pestis* terá passado das pulgas de ratos para humanos na Ásia Central ou China; a pneumónica terá sido transmitida de aves para humanos no Kansas, nos Estados Unidos; e o VIH cruzou espécies do chimpanzé para os humanos em África). Por ser uma transmissão que obedece a um enorme grau de imprevisibilidade, os investigadores são

unânicos em rechaçar todas as teorias de conspiração sobre as origens e propagação destas doenças e rebatem, concomitantemente, as conotações xenófobas que têm emergido à volta do novo coronavírus. Terceiro, os métodos profiláticos conhecidos e aplicados atualmente têm, quase todos, uma origem medieval (distanciamento social; cercas sanitárias; isolamento de espaços urbanos e residenciais; quarentenas), o que demonstra que existe uma espécie de período de latência entre a fase de erupção da pandemia e a sua resolução: que poderá ocorrer por descoberta de uma cura (caso dos antibióticos para a peste negra) ou por fenómenos naturais (o vírus da pneumónica, por exemplo, perdeu força ao fim de dois anos).

- 8 Especificamente para a Idade Média, os investigadores entrevistados sublinharam uma série de aspetos sobre a realidade portuguesa. Esses elementos encontram-se relacionados com a dificuldade em se perceber o impacto da peste negra na demografia e nas transformações sociais, pela lacuna e imprecisão da documentação (conforme notou André Silva); com as ruturas decorrentes dessa mesma pandemia, verificando-se que a proximidade constante da morte gerou um aumento no número de testamentos (Maria Amélia Campos); com a definição de regimes alimentares e medicinais, e prescrição de banhos termais com intenção terapêutica e paliativa para doenças como a lepra (Ana Rita Rocha); ou a compreensão da noção de aglomeração de contágio e a redação de regimentos normativos com instruções e minutas para os espaços urbanos saberem lidar com as pandemias (Amélia Aguiar Andrade).
- 9 Recentemente, Gianna Pomata (professora jubilada do Instituto de História da Medicina na Universidade de John Hopkins, Maryland, Estados Unidos), em entrevista para a revista *New Yorker*, afirmou que as pandemias “despertam o caos”, mas que também têm a capacidade de abrir as mentes¹⁰. A peste negra, afirma Pomata, terá contribuído para selar o início do fim da Idade Média e o princípio de algo diferente que viria a ser o Renascimento. E que as evidências dessa transformação se encontram na forma como se melhoraram os hospitais e os mecanismos de mutualismo na doença, e no modo como as estruturas sociais e profissionais das classes mais baixas foram mudando. Porque as pandemias atuam como “um acelerador de renovação mental”, permitindo radiografar a sociedade de forma a que estas diagnostiquem os seus problemas e encontrem soluções.
- 10 A caminho dos trinta milhões de infetados em todo o mundo, os diagnósticos sociais, económicos e políticos encontram-se feitos: e o SARS-CoV-2 atuou, de facto, como um agente de contraste num exame imagiológico. Por isso é que os investigadores entrevistados no decurso desta iniciativa de “Pandemias e História na Era da Covid-19” deixaram uma série de sugestões e confissões sobre o mundo atual e o nosso futuro enquanto sociedade e país. Amélia Aguiar Andrade sublinhou a forma como o novo coronavírus permitiu revelar o que é importante do que não é, ao mesmo tempo que corrigia alguma soberba das sociedades atuais por acreditarem em demasia na sua evolução tecnológica; Amândio Barros enalteceu a urgência de se olhar para esta pandemia mais como um tempo de oportunidade do que de crise; Maria Amélia Campos sugeriu que as sociedades repensassem a velocidade e o frêmito do quotidiano dos seres humanos, para que as pessoas possam voltar a ter tempo para se reconectarem; perante a tragédia que se abateu sobre os mais velhos, as principais vítimas da Covid-19, Antero Ferreira rogou para que todos, em conjunto, reflitamos sobre o valor e a importância da terceira idade; Ana Abecasis colocou a tónica na sustentabilidade das sociedades contemporâneas, sobretudo do ponto de vista ambiental; uma ideia partilhada por

Amélia Polónia, que solicitou uma maior valorização dos recursos humanos e das atitudes de solidariedade e de comprometimento social dos cidadãos.

- 11 Num outro tom, Maria Antónia Pires de Almeida assume uma postura pessimista quanto ao futuro, sugerindo que não basta identificar, diagnosticar e propor soluções, porque a história demonstra que, rapidamente, as sociedades tendem a relaxar e a voltar a cometer erros sociais, económicos, políticos e até de higiene pública que poderão conduzir a resultados idênticos. Numa frase, sintetiza esta preocupação argumentando que as sociedades não anseiam por uma mudança, mas por um regresso ao normal¹¹.
- 12 Um as pequenas notas finais para concluir. O meu pai e a minha mãe recordam-se de, na sua infância, os seus pais e avós lhes terem ensinado a rogarem a Deus para que os livrasse da fome, da peste e da guerra. Séculos acumulados de crises alimentares, de propagação de doenças infecciosas e de conflitos militares moldaram a fé e o discurso espiritual, assim como o posicionamento de cada um perante a vida e a morte. Mas, após décadas de desenvolvimento dos sistemas nacionais de saúde, de evolução da medicina e de melhoria das condições de vida, as pessoas adquiriram uma sensação de imunidade e as ladainhas religiosas invocando proteção caíram em desuso. É provável que agora tenham regressado ao quotidiano de muitos, com pedidos para que as suas vidas sejam protegidas dos efeitos nefastos da Covid-19.
- 13 Ainda é cedo para se encerrar o capítulo do SARS-CoV-2 nas nossas vidas: não sabemos se haverá uma vacina eficaz, um anticorpo funcional ou se a doença se tornará endémica. Nem sabemos até que ponto a economia e saúde democrática dos estados será afetada. E, neste momento de retrospectiva, percebe-se inclusivamente que a Covid-19 deixou de ser um vírus equitativo. Se, no início, afetou pessoas de distintas etnias e classes socioeconómicas, são agora os mais pobres, os que não podem permanecer em isolamento profilático de longa duração, os principais alvos desta doença. Restar-nos-á a esperança de que o caos que emergiu com esta pandemia seja suplantado por uma sociedade melhor, pela qual o mundo aguarda expectante.

NOTAS

1. WHO Director-General's opening remarks at the media briefing on COVID-19 - 11 March 2020, World Health Organization. Disponível em: <https://www.who.int/dg/speeches/detail/who-director-general-s-opening-remarks-at-the-media-briefing-on-covid-19---11-march-2020>.

Consultado em 5 de agosto de 2020.

2. Canal YouTube do CITCEM (<https://www.youtube.com/channel/UC2Ia8syabdh1bO6-fCgQnIA>) e Casa Comum da Universidade do Porto (<https://up.pt/casacomum/pandemias-e-historia-na-era-da-covid-19/>).

3. COELHO, Maria Helena da Cruz – “Um testamento redigido em Coimbra no tempo da Peste Negra”. *Revista Portuguesa de História* 18 (1980), pp. 312-331; MARQUES, José – “A peste de 1362, na diocese de Tui”. *Bracara Augusta* vol. 66, n. 124 (137), pp. 381-403.

4. NÓVOA, Rita – *A Casa de São Lázaro de Lisboa: contributos para uma história das atitudes face à doença* (sécs. XIV-XV). Lisboa: Universidade Nova de Lisboa, 2010. Dissertação de Mestrado;

- NÓVOA, Rita – “As atitudes face à doença no Portugal dos séculos XIV e XV: a lepra, os leprosos e as leprosarias”. in MIRANDA, Flávio; SEQUEIRA, Joana (coord.), *Incipit 1. Workshop de Estudos Medievais da Universidade do Porto, 2009-10*. Porto: Universidade do Porto, Faculdade de Letras, 2012, pp. 77-87; ROCHA, Ana Rita – *A Institucionalização dos Leprosos. O Hospital de São Lázaro de Coimbra nos Séculos XIII a XV*. Coimbra: Universidade de Coimbra, 2011. Dissertação de Mestrado.
5. ABREU, Laurinda – “A luta contra as invasões epidémicas em Portugal: políticas e agentes, séculos XVI-XIX”. *Ler História* 73 (2018), pp. 93-120.
6. ALMEIDA, Maria Antónia Pires de – “Epidemics in the news: Health and hygiene in the press in periods of crisis”. *Public Understanding of Science* 22, 7 (2013), pp. 886-902.
7. FERREIRA, Antero (coord.) – *A Gripe Espanhola de 1918*. Guimarães: Casa de Sarmiento, 2020; SOBRAL, José Manuel; LIMA, Maria Luísa – “A epidemia da pneumónica em Portugal no seu tempo histórico”. *Ler História* 73 (2018), pp. 45-66.
8. *Visão História* 58 (abril de 2020); *JN História* 25 (abril de 2020).
9. *JN História* 25 (abril de 2020), p. 3.
10. WRIGHT, Lawrence – “How Pandemics Wreak Havoc–And Open Minds”. *The New Yorker* (20 de julho de 2020), pp. 18-23.
11. Entrevista a Maria Antónia Pires de Almeida (CIES-IUL) sobre “A Cólera em Portugal no Século XIX”. in *Pandemias e História na Era da Covid-19*. Porto: CITCEM, 19 de maio de 2020.
-

AUTOR

FLÁVIO MIRANDA

Universidade do Porto, CITCEM. 4150-564 Porto, Portugal. fmiranda@letras.up.pt. <https://orcid.org/0000-0002-8730-6285>